



Cia. São Jorge
de Variedades



QUEM NÃO SABE
— MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ —
PRECISA SE MEXER



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cia São Jorge de Variedades

Quem não sabe mais quem é, o que é e onde está,
precisa se mexer [livro eletrônico] / Cia São Jorge de
Variedades ; coordenação editorial, preparação e revisão
do texto Alexandre Krug. -- São Paulo : Cia São Jorge de
Variedades, 2024. -- (Cia. São Jorge de Variedades : 25 anos)
PDF

ISBN 978-85-61343-28-6

1. Drama 2. Teatro brasileiro I. Krug, Alexandre. II. Título.
III. Série.

25-255395

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB 8/8415

**QUEM NÃO SABE
MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ
PRECISA SE MEXER**

Dramaturgia coletiva da

Cia. São Jorge de Variedades

Livremente inspirada na obra de Heiner Müller

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **Quem não sabe mais quem é,
o que é e onde está, precisa se mexer**

Autor :: **Cia São Jorge de Variedades**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::
Sato do Brasil

Coordenação editorial, preparação e revisão
do texto :: **Alexandre Krug**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

Esta edição resgata a dramaturgia criada de forma coletiva e em processo pela Cia São Jorge de Variedades para o espetáculo **QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER**, estreado em 2009, em sua sede Casa de São Jorge, na Rua Lopes de Oliveira 342, no bairro da Barra Funda em São Paulo-SP, com uma encenação que transitava entre a rua e a sala fechada.

O espetáculo, embora essencialmente teatral, possuía um forte traço performativo, visível na opção por uma linguagem não-dramática (não havia personagens, apenas figuras e disfarces, e os intérpretes se chamavam pelos próprios nomes) e na realização de “ações” ou “programas” nas partes que se desenvolviam na rua, vivamente caracterizadas pelo improviso e uma relação “viva” com a cidade. O próprio cenário no espaço fechado, nesse contexto, aproximava-se igualmente de uma instalação performativa, uma área de vivência que parecia estar permeável a qualquer experiência ‘real’.

Diante dessa característica, esta edição buscou descrever as ações e programas das cenas na rua, bem como os gestos, movimentações e imagens das cenas na sala, que em sua maioria não se encontravam em nenhum dos roteiros escritos. Em outras palavras, fomos buscar na visualidade e na materialidade do espetáculo elementos para as possíveis rubricas desta dramaturgia, que nos roteiros disponíveis apresentava quase que apenas os principais textos falados.

Julgamos que, dessa forma, tanto o leitor como os pesquisadores poderão, mais do que com um texto básico que apresente apenas as principais referências, adentrar a potência contida dessa dramaturgia, que como qualquer outra, porém em grau aqui inegavelmente extremo, se constitui não somente das falas, mas de toda a ação que se construiu como espetáculo.

Para os encenadores que desejarem apenas conhecer o material bruto para sua própria criação, bastará se concentrarem nas palavras dos intérpretes. A única exceção quanto à descrição da encenação se dá no que toca à iluminação. Tendo se construído e estreado em horário diurno, em tom não-dramático e utilizando a luz natural da rua e que se infiltrava pelas aberturas na sala, o espetáculo, mesmo com toda sua teatralidade, causava um efeito de ‘fusão’ com a vida real e cotidiana da cidade, ao encontro do caráter performativo que esta edição procura evidenciar.

Assim, as rubricas aqui não incluem as mudanças de luz e focos que foram acrescentadas depois para apresentações noturnas, durante a circulação do espetáculo, e que podem ser conferidas no vídeo de registro.

QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER inspirou-se livremente na obra do dramaturgo e poeta alemão (oriental) Heiner Müller (1929-1995), notadamente nas peças *A Missão – Lembrança de uma Revolução* e *Máquina-Hamlet* (*Hamletmaschine*) e em várias de suas entrevistas, além de outras referências, como Paulo Freire, Juliano Peçanha, Antonin Artaud, Rosa Luxemburgo, Rogério Sganzerla (*O Bandido da Luz Vermelha*), e a história do “euroterrorismo” dos anos 1970 e seu principal representante, a Fração do Exército Vermelho ou Grupo Baader-Meinhof.

O roteiro foi elaborado pelos próprios atores Marcelo Reis, Mariana Senne e Patrícia Gifford, juntamente com a diretora Georgette Fadel. Aqui vale mencionar, dentro do aspecto performativo de um teatro ‘em fusão com a vida’, perceptível na obra, que os intérpretes, além de usarem seus próprios nomes na cena, propuseram em seus roteiros intercambiar seus sobrenomes (portanto eles se chamariam Marcelo S.S., Mariana G., Patrícia R.), firmando assim o caráter coletivo e performativo que buscavam: “Nós é três”. Esses nomes não chegaram a ser utilizados no espetáculo, mas consideramos apropriado mencioná-los no início do texto como os “performadores”, no lugar em que normalmente se listariam os personagens da dramaturgia.

Performadores:

Marcelo S.S.

Mariana G.

Patrícia R.

BLOCO RUA

LOIRA DA MALETA-MARIANA

(O público aguarda em frente ao local de apresentação. Ela surge apressadamente por entre as pessoas, pedindo que a acompanhem. Veste um vestido preto curto emborrachado, meia-calça preta, óculos de proteção transparentes, tem cabelo loiro chanel e leva uma maleta. Fala e age com urgência.)

Quem tá comigo me acompanha! Quem achou que ia sair de casa pra ver peça de teatro se enganou! Vem que tem! Cola na goma que aqui é cem por cento!

(Todos a seguem em caminhada pela rua. Passam por uma parede onde o HOMEM DE PALETÓ-MARCELO está colando pequenos cartazes com frases: “EM QUE ANDAR O CHEFE -- A QUEM EM PENSAMENTO CHAMO NÚMERO UM – ME ESPERA COM UMA IMPORTANTE MISSÃO”; “O TEMPO JÁ NÃO TRABALHA A MEU FAVOR”; “PERCEBO QUE JÁ HÁ MUITO TEMPO ALGUMA COISA NÃO ANDAVA CERTA: COM O MEU RELÓGIO, COM ESTE ELEVADOR, COM O TEMPO”; “O TEMPO ESTÁ FORADOS EIXOS”; “A MINHA CAUSA É UMA CAUSA PERDIDA” etc.)

(LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA passa de bicicleta, buzinando, apitando e gritando. Usa um uniforme vermelho, óculos vermelhos, peruca ruiva, capacete vermelho com flores vermelhas em cima, botas de borracha e um colete dourado, lembrando um parangolé.)

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

Cheguei!!! Cola na goma, Loirinha, que aqui é cem por cento!! Cheguei aqui na...

(Diz o nome da rua, do bairro etc em que estão. Segue pedalando, vai rondando a cena, soando uma buzina barulhenta de caminhão, berrando etc.)

Aaaiii!... Eu adoro isso!

LOIRA DA MALETA-MARIANA

(Instiga o público a seguir em frente. Vai se relacionando com os passantes e com a cidade.) Pode colar em mim, cola em mim, não precisa ler tudo não, vamos apertar o passo! Vamos gastar umas calorias! E aí? Salve simpatia! Quem achou que ia sair de casa pra sentar a bundinha se enganou!!!

(Chegam em uma parede. Reúne o público e fala de costas para a parede.) Pode colar aqui! Eu não sou mais Hamlet. Não represento mais nenhum papel. Minhas palavras já não me dizem mais nada. Os meus pensamentos sugam o sangue das imagens. Meu drama não se realiza mais. Diante de mim monta-se a cena. Por pessoas às quais o meu drama não interessa. Para pessoas às quais ele nada importa. A mim também ele já não interessa. Eu não entro mais. O meu lugar, caso o meu drama tivesse se realizado, seria na época da revolta. (Abre a maleta, tira um cartaz e uma fita adesiva. Vai falando enquanto age.)

Aqui é vida. Quem tá a fim de espetáculo é em outro lugar. É só ligar a tv. Meu negócio é outro. (Cola o cartaz na parede: “A REVOLUÇÃO COMEÇA COMO UM PASSEIO”.)

Contra as normas do trânsito, no horário do trabalho (ou “no fim da tarde”, “em pleno meio-dia” etc. Refere-se sempre à hora real em que estão.), aqui na... (Diz o nome da rua, do bairro etc.) Porque a rua e a... (o local) pertence aos pedestres! Quem tá comigo me acompanha! Pode colar na goma, vamos seguir! (Segue guiando o público.) Quem achou que ia sair de casa pra sentar a bundinha se enganou!

(Seguem em frente, passam por Luz Del Fuego :: Patrícia, que está a pé e tem um sinalizador pirotécnico aceso na mão, enquanto dois Cúmplices esticam em um poste, luminária, portão etc. uma enorme faixa onde se lê: “AQUELE QUE NÃO SE MEXE NÃO SENTE AS GRADES QUE O APRISIONAM”. Os Cúmplices repetem os bordões dela.)

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

Cola na goma, Loirinha, que aqui é cem por cento!! Vem, vem, vem!!! Aaaaa!... Erguer os dizeres, erguer!! Cola na goma, puta que pariu!!

(Loira da Maleta-Mariana faz o público a seguir em frente. De acordo com cada local da apresentação, vai combinando com o público estratégias para burlar a vigilância, as normas de deslocamento e aglomeração etc., sempre enfatizando o caráter clandestino e de guerrilha da ação.)

LOIRA DA MALETA-MARIANA

Vem, vem, é na Loirinha aqui, não é na Ruivinha, aperta o passo por favor, pode vir, pode vir!! Junta aqui, vem, negócio é o seguinte, vamos bolar uma estratégia, vou ficar no meio de vocês, como se estivéssemos passeando, senão vira espetáculo mesmo, vamos enquanto eles não estão ligados, fiquem de olho, tá cheio de gambé aqui, mas a gente tem o elemento surpresa do nosso lado, fica aqui, como se estivesse fazendo uma fila, ó, deixa o pedestre passar, senão acusam a gente de obstruir a circulação... etc. (Abre de novo a maleta e tira outro cartaz, a fita e vai colando.) Fica de olho, olhem pros dois lados, se estiverem vindo vocês me dão um toque!

Tem um negócio chamado Guarda Civil Metropolitana, os caras colam e te pedem RG, no caso vocês não dão RG, não! Invente um número, mas invente direitinho pra memorizar, porque o filho da puta sempre pergunta duas vezes! Pronto, como se nada tivesse acontecido.

[Termina de colar o cartaz: “SOU O MEU PRISIONEIRO”. Seguem em frente.]
Pode colar, não precisa me deixar em destaque, não. Vamos seguir, tipo bloquinho, é sem líder, não me deixa em evidência, não! Olha lá a Ruivinha, discreta, é ela!

[Passam novamente por Luz del Fuego-Patrícia, que está distribuindo adesivos: “QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER”.]

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

Vem, Loirinha, vem! Atenção, atenção, senhores! Ajudem a distribuir!...

LOIRA DA MALETA-MARIANA

Pode seguir, é na Loirinha aqui! Eu sou vida eu não sou morte, essa é a minha sorte!
[Param pra colar outro cartaz: “TELEVISÃO A NOJEIRA NOSSA DE CADA DIA”. Em caso de dificuldade, pede ajuda ao público. Homem de Paletó-Marcelo reaparece e observa a ação. Seguem em frente.]

Agora a gente pode ir por aqui. Não precisa me esperar na liderança, não. Pode assumir a liderança, não tem problema, não. Essa é a pergunta que não quer calar: quem é que assume a liderança dessa porra. Quem é o novo sujeito da história, é isso que eu me pergunto, quem é???

[Passam novamente por Luz Del Fuego-Patrícia, de novo com um sinalizador pirotécnico aceso, apitando e orquestrando os dois Cúmplices, que esticam outra faixa onde se lê: “A CONTINUIDADE ROTINEIRA GERA A DESTRUIÇÃO”. Os Cúmplices repetem seus bordões.]

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

Aqui é cem por cento!! Puta que o pariu!! Alegria e fé inabaláveis!! Abaixo a felicidade da submissão!! Alegria e fé!!! QAP Loirinha! Cheguei!! QAP ... (o nome do lugar.)

[Passam por Homem de Paletó-Marcelo, que está tirando e guardando numa mala todas as roupas, ficando só de calção e colocando um cocar, virando PAJÉ-MARCELO. O público passa por ele, enquanto ele fala.]

MARCELO-PAJÉ

Se, na verdade, não estou no mundo para me adaptar a ele, mas para transformá-lo, se não é possível transformá-lo sem um sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar da minha utopia, mas pra participar de práticas com ela coerentes.

LOIRA DA MALETA-MARIANA

Retomando do início! (Chegam ao local onde se iniciou a trajetória.) Pode vir, entrando agora! Eu sou vida eu não sou morte, essa é a minha sorte!

(Luz Del Fuego-Patrícia aparece de novo e explode um lança-confete, enquanto seus Cúmplices esticam outra faixa onde se lê: “QUEM NÃO SABE MAIS QUEM É, O QUE É E ONDE ESTÁ, PRECISA SE MEXER”. Pajé-Marcelo se junta a eles com sua mala.)

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

Atenção!! Vem que tem!! Vambora, Loura!!!

LOIRA DA MALETA-MARIANA

É isso aí, mobilização da fantasia!! A ingenuidade é importante, é isso que eu digo pra vocês! Vamos entrar!! (Vai entrando com o público no local de apresentação.) Quem é o novo sujeito histórico, é só isso que eu me pergunto, é isso que não quer calar! Vem, vem que tem!!

(Entram todos no espaço cênico, o público vai se acomodando.)

É isso aí. Começa meio bagunçado, meio perdido, mas depois se acha!

BLOCO BUNKER

(O público está acomodado. Loira-Mariana, Luz Del Fuego-Patrícia e Pajé-Marcelo entram, cada um trazendo uma mala. Mariana tem uma capa de chuva transparente sobre a roupa. Patrícia, agora sem óculos, traz o capacete na mão, mostrando todo o cabelo ruivo. Param em frente a uma cortina translúcida, de costas para o público, sobre um piso igual a calçada de rua. A cortina tem estampada uma paisagem urbana, com prédios, fios e um grande arame farpado em primeiro plano. A um sinal de Patrícia, os outros abrem a cortina, revelando uma espécie de apartamento. Uma entrada ao centro com canteirinhos de terra nos dois lados divide a calçada do apartamento. Ao fundo no espaço, um sofá, uma geladeira, um fogão com uma privada em cima. À direita, sobre um tapete, uma bateria. Sobre ela um chuveiro, e ao lado uma pia. Muitas fotos em preto e branco sobre a geladeira e por trás do sofá. A parede da lateral esquerda está toda forrada de roupas e livros pendurados; a da direita de rolos de papel higiênico. Um manequim feminino sem um braço está encostado na parede esquerda. O piso é coberto de tapetes emborrachados quadrados. O teto é uma tela de arame, onde qualquer coisa pode ser guardada ou pendurada.)

LUZ DEL FUEGO-PATRÍCIA

(Enquanto eles vão entrando.)

Muito bem, hem? Cafofo querido! QAP QG! QG QAP! Se é que você me entende!

(Vão se instalando, deixando seus objetos pelo espaço. Colocam malas em frente ao sofá à guisa de mesinha. As flores do capacete de Luz Del Fuego agora estão sobre essa mesinha. Ligam um rádio ao vivo numa estação de notícias, economia, política nacional, clima etc. Pajé-Marcelo traz uma garrafa e Loira-Mariana tem três copos.) Pajé! Entorna, Pajé!

(Fazem um brinde como se comemorassem uma missão bem-sucedida e tomam num longo gole em uníssono. Marcelo acende um cigarro e o passa a Patrícia. Largam os copos sobre a mesinha. Marcelo pega bananas de um cacho no teto, uma pra cada um. Sentam-se no sofá, descascam e comem as bananas, olhando fixamente o público, enquanto as notícias soam no rádio. O cigarro passa de mão em mão. Realizam alternadamente várias partituras físicas com partes específicas do corpo um do outro, examinando, olhando pés, ouvidos, cabelos etc., como se buscassem algo suspeito. Jogam as cascas de banana nos copos e os derrubam. Continuam a se examinar alternadamente. Luz Del Fuego-Patrícia retira-se andando de cócoras, saindo por uma porta no centro ao fundo e descendo por uma escada que aparentemente fica atrás do sofá. Pajé-Marcelo e Loira-Mariana ficam, suas partituras agora envolvem partes sexuais, seios, sexo etc. um misto de exame e provocação, surgem sorrisos, Mariana solta uma gargalhada, as mãos e bocas vão ficando mais ousadas, e quando finalmente as bocas se encostam num beijo, ambos se assustam e soltam um berro enorme, como se finalmente se dessem conta da situação. A campainha toca de repente. Param de berrar e ficam em alerta. A campainha segue tocando insistente e eles precisam agir. Mariana desliga o rádio, toca quatro notas e um acorde de suspense no teclado preso no alto da porta ao fundo.)

(As notas anunciam a entrada de CAMARADA-PATRÍCIA, uma figura masculina de sobretudo, óculos de aro preto, chapéu, charuto e livros na mão, inclusive um vermelho. Chega por uma entrada lateral no canto esquerdo do proscênio, ao lado do manequim, e se detém. Caminha pela calçada e adentra o espaço pela entrada do centro. Marcelo o cumprimenta e acende seu charuto. O Camarada vai até Mariana e estende a mão. Mariana se ajoelha e beija sua mão. No mesmo instante ele lhe estende o livro vermelho bem na frente do rosto. Mariana pega o livro. O Camarada vira-se lentamente e sai pela porta do fundo, pelo mesmo caminho que Luz Del Fuego anteriormente. Marcelo e Mariana observam-no descer pela escada atrás do sofá e se entreolham. Loira-Mariana abre o livro em frente ao rosto, enquanto Pajé-Marcelo sai também pela escada. Mariana começa a procurar freneticamente um lugar para esconder o livro, dentro da geladeira, entre as pernas do manequim, debaixo de um dos tapetes de borracha. A campainha toca. Ela esconde afinal o livro embaixo do sofá e toca quatro notas e dois acordes no teclado.)

[As notas anunciam a chegada de CAMPONESA-PATRÍCIA pela lateral. Uma figura tipo trabalhadora rural, com um lenço na cabeça, camisa xadrez aberta e um facão de cortar cana na mão. Anda encurvada. Se cumprimentam em código. Mariana sai pela escada. A Camponesa procura algo escondido sob o capacho da entrada, mas não acha. A campainha toca. A Camponesa toca três notas e um acorde no teclado.]

[As notas anunciam a chegada de MÉDICO-MARCELO, roupa toda branca, óculos, estetoscópio no pescoço e uma maletinha na mão. Cumprimentam-se de longe em código. Camponesa sai pela escada. O médico junta as cascas de banana e copos do chão. Joga tudo na privada sobre o fogão. A campainha toca. Ele tira apressadamente da maletinha algumas fitas VHS e as deixa sobre o fogão, em seguida toca quatro notas e um acorde no teclado.]

[As notas anunciam a chegada de FREIRA-MARIANA. Hábito branco, crucifixo, segurando as mãos à frente. Ela vai até ele, que beija sua mão. Ela o despacha e aguarda que ele saia pela escada, então procura até achar o livro vermelho sob o sofá. Arranca uma página e lê em silêncio. Vai até as roupas da parede ao lado do manequim e descobre um telefone de parede. Disca um número, aguarda e fala.]

FREIRA-MARIANA

Aquele que deseja e não age, engendra a peste. [Sorri como se ouvisse algo do outro lado da linha. Desliga o telefone e pega uma roupa da parede. A campainha toca. Ela joga a roupa pela escada e toca três notas e dois acordes no teclado.]

[As notas anunciam a chegada de TRAVESTI-MARCELO. Peruca lilás, um sobretudo preto com estampa floral prateada, uma bolsinha preta e sapatos pretos de salto. Saúda com um gesto delicado a Freira, que sai pela escada. A Travesti pega apressadamente as fitas VHS que estavam sobre o fogão, confere-as sobre a mesinha e guarda na sua bolsinha. A campainha toca. Ela faz um acorde pesado e desliza a mão no teclado, saindo em seguida pela escada.]

[As notas anunciam a chegada de MENDIGO-MARIANA. Saco plástico na cabeça, veste trapos de sacaria e feltro e leva um travesseiro velho na mão. Anda encurvado. Mal entra, a campainha toca novamente. Ele joga o travesseiro na escada e toca quatro notas e dois acordes no teclado.]

[As notas anunciam a chegada de HIPPIE-PATRÍCIA. Vestidão de chitas estampadas predominantemente vermelhas, cabelo escorrido, fitinha e flor na testa. Faz um “paz e amor” para o público. Entra com leveza no espaço, mas a cada passo dela o Mendigo vai se afastando, procurando guardar a distância, olhando com desconfiança. Fazem um breve jogo de aproximar e recuar, fazendo o Mendigo subir no sofá e com um grito ele se joga dali no buraco da escada, sumindo.]

A Hippie tira do peito um cartão de banco com uma senha e o esconde debaixo do capacho da entrada. Dá um giro e vai até o sofá, pega o livro vermelho debaixo dele e umas fichas de dentro da privada. Lê as fichas, sorri e as guarda dentro do livro. Vai descendo pela escada, quando a campainha toca. Surpresa, ela volta e toca quatro notas e um acorde no teclado.)

(As notas anunciam a chegada de MARIANA, ela mesma. Tem o mesmo vestido preto emborrachado da Loira, mas agora sem a peruca, mostrando seu cabelo moreno natural, e usa uns óculos de sol de aro azul. Confere que a hippie desceu mesmo a escada, vai até o proscênio e desenterra do canteiro um invólucro plástico, de onde tira uma garrafinha, de onde dá um gole. Guarda a garrafinha no bolso, devolve o invólucro para o canteiro e senta-se no seu lugar na bateria.

MARCELO e PATRÍCIA, de óculos escuros, entram subindo pela escada do fundo. Patrícia tem a mesma roupa vermelha de Luz Del Fuego, pega um baixo elétrico no canto, veste a alça e se posiciona em frente ao sofá. Marcelo, vestindo um casaco azul forrado de placas eletrônicas, aberto no meio e sem camisa por baixo, e uma calça branca com estampa de quadradinhos, toma o centro com um microfone na mão, já testando o som. A banda está formada. Mariana faz a contagem com as baquetas: “1, 2, 3, 4!”. Mal dão a primeira nota, congelam na posição. Marcelo fala, suas palavras ecoam nas caixas de som.)

MARCELO

Por toda parte o homem se tornou um teatro hiperconstruído. Escutamos que a angústia é um constructo do homem e que a palavra é um constructo do homem e basta trocar de metáforas e construiremos um novo constructo-homem. Logo ouvimos dizer que a morte é um constructo do homem, pois ela já foi equacionada em termos biotecnológicos!!!

(Começam a tocar um rock em alto volume, com o baixo e a bateria.)

Pegue, quebre, chore, reze, finja, fuja, faça!!! – Faça o que quiser fazer, é só você querer! Quem não sabe mais quem é, o que é e onde está, precisa se mexer!!!!

(A banda de rock para de tocar, congela por um instante. A rádio é ligada novamente nas notícias. Eles fecham as cortinas translúcidas e começam a fazer mudanças por trás delas. A rádio é desligada e uma pequena televisão no alto do canto superior esquerdo se liga, passando a programação ao vivo, que vai trocando: programas de variedades, notícias, sitcoms, futebol etc. se sucedem enquanto eles se preparam por trás.)

BLOCO ASSEMBLEIA

(As cortinas finalmente se abrem, a televisão é desligada e os três apresentam-se imóveis, enfileirados no proscênio. Cada um tem a mala na mão. Marcelo e Mariana tem a mesma roupa e uma rosa vermelha na boca. Patrícia, ao centro, tem um conjunto branco longo e uma espécie de grinalda branca no alto da cabeça que lembra uma auréola e segura uma rosa vermelha, enquanto fala para o público na posição, apenas movendo os lábios.)

PATRÍCIA

Bom dia, muito bom dia.

Faz tempo que eu não lhe via, minha amiguinha gambá.

Você vem toda cheirosa, mas está um tanto desgostosa, hein?

O que é que há?

O que é que há?

Simbora, Marcelo, simbora Mariana!!

(Avançam para um espaço entre o apartamento e o público.)

Porque a coroa do rei eu vim balancear!!

Eu só vim aqui porque fui chamada!

Eu só vim aqui porque fui chamada!

(Marcelo e Mariana oferecem as rosas para pessoas do público.)

Muito bem Mariana, muito bem Marcelo!

Checando as estruturas, hein, checando as estruturas porque a base precisa estar firme, certo?

A base sólida, certo?

Não é este o princípio fundamental, senhores, hein?

No começo é assim mesmo, meio desestruturado, meio confuso, mas depois firma, viu? Ah, se firma, gente! Olha lá, foi!!!

(Marcelo e Mariana montaram uma mesa com cavaletes no centro enquanto Patrícia falava.)

1, 2, 3 e...

(Marcelo e Mariana jogam duas malas sobre a mesa com estrondo, abrem-nas e tiram livros e pranchetas, que começam a distribuir ao público.)

Muito bem. Nós vamos distribuir alguns papéis e algumas canetas, vocês por gentileza coloque o nome de vocês e alguma forma de contato, certo? Não encarem isso como burocracia, como uma coisa cacete, não, certo? Porque é muito ao contrário!

Atenção!! É o início da formação da nossa rede de comunicação!!

E isso não é pouca coisa, não é pouca coisa!!

E eu acredito em conflito.

Não acredito em nada mais do que isso.

O que eu procuro é intensificar os conflitos, as confrontações, as contradições. Não há outro caminho.

Não estamos interessados aqui em respostas e soluções. Não as temos a oferecer. O que nós queremos é problema e conflito!

(Ao longo de sua fala, vai tirando a roupa branca e atirando para o público as peças, revelando sua roupa vermelha original por baixo.)

Porque quem não se mexe não sente as grades que o aprisionam.

Portanto, vamos redimir o nosso medo da morte aqui com alguma coisa como, por exemplo... trabalho! Hum? Trabalho!

Vamos fazer alguma coisa para não ter mais que olhar para o relógio!

(Mariana pendura no centro da cortina uma recipiente de metal pintado com os números do relógio e uma rosa no centro.)

Montamos esse conjunto aqui e buscamos uma utopia, hum?

Somos um conjunto aqui então, não somos?

(Dirigindo-se a pessoas do público.)

Onde você é você, a senhora é a senhora, não se preocupe, o senhor também é o senhor, porém, todavia, entretanto e contudo, nós somos um núcleo!

Um núcleo incandescente, porque a pergunta que eu quero fazer agora é a seguinte: neste tempos, em que estamos em franco declínio, nos suicidando sem perceber, haverá um núcleo de homens fortes, capazes de impor algo superior?

Um núcleo de homens fortes, mas não só isso, um núcleo que se pulverize!

(Mariana e Marcelo tiram mapas, um da cidade, ou do estado, região etc. em que se dá a apresentação, e outro um mapa-múndi, e os abrem de ambos lados de Patrícia, mostrando-os à plateia.)

Um núcleo que se expanda, um núcleo que se amplie, poeticamente falando!

Senhoras e senhores, um núcleo que se polinize!

E não há nada abstrato aqui na minha fala!

(Fecha uma mala e dá golpes sobre ela, como se fosse uma bancada. Vai aos mapas que os outros seguram e mostra neles.)

Eu estou falando sobre coisas concretas! É concretamente falando! É geograficamente falando! É de geografia de ação que eu estou dizendo, certo, Mariana?

MARIANA

Certo, Patrícia.

PATRÍCIA

Eu estou falando aqui, senhoras e senhores, sobre estratégia de ação, certo, Marcelo?

MARCELO

Sim, Patrícia.

PATRÍCIA

Sim, e aqui então chegamos ao ponto que muito me interessa: qual é a sua estratégia de ação?

Qual é a sua arma?

Porque aqui cada um tem a arma que merece, não é mesmo, meu caro?

Mas atenção, porque é no sentido de merecimento mesmo!!

E eu digo: arma!

Eu digo “arma” porque essa palavra está carregada de perigo e isso muito me interessa.

É alegria na destruição da ordem!!

Há momentos em que isso se torna produtivo e necessário!! Tá comigo, Mariana?

MARIANA

Vem que tem, Patrícia!

PATRÍCIA

Tá comigo Marcelo?

MARCELO

Sempre, Patrícia!

PATRÍCIA

Então tá bom, então canta para subir e ao infinito e além!

(Termina de tirar a roupa branca, sobe e fica em pé sobre a mesa. Os outros pegam baquetas e começam a batucar na coisas: Marcelo no relógio de metal, Mariana numa das malas. Vão criando um pulso percussivo enquanto Patrícia fala.)

Porque este aqui é o espaço da irresponsabilidade, é um espaço ocupado perigosa e libidinosamente.

O medo das catástrofes é o medo de correr riscos e é este medo que gera as catástrofes!

A continuidade rotineira leva à destruição!

E nós aqui precisamos arriscar algo, mobilizar a fantasia, adensar o coração, desnudar as coisas até o esqueleto e libertá-las de sua carne e superfície!

E isso vem de onde, gente? Essa força vem de onde? Vem da necessidade!!

Da necessidade é que vem isso!

Vamos fazer a revolução dos mortos!!

Qual é a energia necessária para sair da tua sombra???

É a partir das cicatrizes que se instaura o silêncio!!!

A morada do homem é o sagrado!

Com a transcendência nas costas é mais fácil agir sem sentir medo – transcender significa liberdade!!

(O pulso aumenta de ritmo e volume. Patrícia grita, dança e se descabelas sobre a mesa. Mariana acompanha emitindo sons com a boca.)

Vibra!!! Pulsa e vibra!!! Vibra e pulsa!!!

Eu sou o pior dos horrores, a mulher na sua loucura! Aquilo que não se domestica, aquilo que não se contém, aquilo que não se domina!!! Sou eu, sou eu!!! A mulher espingarda!!!!

(Passa e reger a batucada com seu apito, e de repente faz ela finalmente cessar. Os outros guardam o relógio, tiram das malas vários telefones portáteis e começam a ligar, falando simultaneamente seus textos como um vozerio de fundo em ligações simultâneas, passando inclusive de vez em quando os aparelhos para a própria Patrícia, enquanto ela prossegue em cima da mesa.)

MARCELO

(Em vozerio simultâneo, aos telefones.)

O ato político hoje é manter o humano.

Impedir a dominação do homem pelos instrumentos é agora uma tarefa da arte.

O produtivo do artista na política é manter o apetite pelo caos.

Descobrir onde se plantou a inquietude é estar aberto às experiências fundantes.

A urgência não está na mudança do discurso, mas na alteração da nossa relação com a linguagem.

É necessário discriminar o falar sobre algo e o morar em algo.

Celebrar é estar exposto e atingido pelas coisas.

MARIANA

(Em vozerio simultâneo, aos telefones.)

As catástrofes resultam da impossibilidade de se estar a sós consigo mesmo. É bom ser mulher e não um herói. Às vezes o homem não aguenta muito, às vezes demais.

PATRÍCIA

Muito bem.

Nós precisamos ficar à margem, precisamos trabalhar à margem, porque do centro não se move nada.

O centro pertence aos funcionários públicos!

E é preciso afirmar que o sonho faz parte da vida tanto quanto o cotidiano!! Isso precisa ser imposto!!!

Quando as energias não conseguem mais ser descarregadas, uma explosão se torna inevitável!!!

E não se trata de informação, não!!! Se trata da comunicação de uma situação!!!

(O vozerio nos telefones se torna cada vez mais alto.)

Porque se me dissessem que o mundo fosse acabar hoje, o mais correto seria esvaziar as garrafas de cachaça!!!

Alegria e fé inabaláveis!!

(Mariana entrega seu telefone para Marcelo, abre uma das cortinas, vai até a bateria e começa a tocar uma sequência percussiva estrondosa e contínua.)

Abaixo a felicidade da submissão!!!

Marcelo!! Marcelo, me mate antes que eu traia você!!

MARCELO

Me mate antes que eu traia você, Patrícia!

PATRÍCIA

(Para o público.) Me mate antes que eu traia você! Eu sou vida eu não sou morte, essa é a minha sorte! (Abre a outra cortina, vai até o cenário do fundo e pega uma garrafa, borrifando ao redor a água.)

(Para o público.) Me mate antes que eu traia você. Porque quem pensa, trai.

(O som da bateria se intensifica. Patrícia quebra a garrafa pelo meio, criando uma arma cortante, ameaçadora. A bateria cessa de repente. Patrícia ergue a arma para o alto enquanto fala.)

PATRÍCIA

Que os crocodilos comam a tua merda, as piranhas o teu cu e os macacos os teus testículos!

A miséria de vocês é que não sabem morrer.

Por isso matam tudo ao redor de vocês.

Pelas vossas regras mortas, nas quais o êxtase não tem lugar, pela vossa revolução sem sexo!

(Marcelo e Mariana retiram a mesa de cavalete da cena. Patrícia ocupa o lugar da mesa no centro frontal.)

Cada pulsação da revolução fará renascer sangue em suas veias, carne em seus ossos, vida em sua morte!

A revolução dos mortos será a guerra das paisagens.

E as nossas armas serão as montanhas, os mares, os desertos do mundo!!

E eu serei floresta, montanha, mar, deserto!!

(Indica pessoas do público.)

Você, a África!! A Ásia, você, hem!

As duas Américas sou eu!! Sou eu!! Sou eu!!!

(Começa a tocar em off uma música em alto volume: “Some Unholy War”, de Amy Winehouse. Mariana pega uma garrafa e copos começa a servir e passa pra os outros. Reúnem-se no meio do apartamento e começam a celebrar, enquanto continuam a repetir seus bordões, abafados pela música. Bebem do gargalo, bebem dos copos e os jogam no chão. Começam uma coreografia festiva e libidinosa que inclui o manequim que estava na parede. Formam e alternam pares, em movimentos coreografados. Flertam, beijam-se, bebem. Ao fim da música, Mariana vai para o fundo carregando Patrícia, enquanto Marcelo ocupa o proscênio central, carregando Shirley, a manequim.)

MARCELO

Shirley! Eu não sou mais Hamlet. Não represento mais nenhum papel. Minhas palavras já não me dizem mais nada. Os meus pensamentos sugam o sangue das imagens. Meu drama não se realiza mais. Atrás de mim monta-se a cena. Por pessoas às quais meu drama não interessa. Para pessoas às quais ele nada importa. A mim também ele já não interessa.

Porque este é um tempo em que a vida verdadeira está ausente e não há nada mais a fazer, a não ser isso, a não ser lembrar que somos um fiapo visitado pelo mistério e que a vida é uma sublevação hesitante, onde o mundo, em vão, se ilumina.

Shirley... cúmplice dos meus pensamentos repletos de sangue. Em algum lugar são rompidos ventres para que eu possa morar na minha merda. Em algum lugar ventres são abertos para que eu possa estar sozinho com o meu sangue. Meus pensamentos são chagas em meu cérebro. O meu cérebro é uma cicatriz.

(Abraça forte a manequim.)

Quero ser uma máquina!

Braços a agarrar, pernas a andar, nenhuma dor, nenhum pensamento! (Mariana ao microfone começa a cantarolar em eco as frases: “Quero ser uma máquina...”)

Os galos foram abatidos! Não há mais amanhecer!!

(Uma base sampleada é ligada no teclado e começa a tocar.)

Something is rotten in this age of hope!!!

(Larga a manequim Shirley no canto direito e vai até o sofá, onde dança e se contorce ao som do sampler. Patrícia começa a arrancar freneticamente os tapetes de borracha quadrados do chão e os joga escada abaixo, por sobre a cabeça de Marcelo.)

MARIANA

(Canta agora a plenos pulmões.)

Quero ser uma máquina!

Braços a agarrar!

Quero ser uma máquina!

Pernas a andar!

Quero ser uma máquina!

Nenhuma dor, nenhum pensamento!

MARCELO

Não quero mais morrer!!

MARIANA

(Agarra todas as malas e também as joga escada abaixo.)

Não quero mais respirar, amar uma mulher, um homem, um animal!!...

(Todos vão coreográfica e freneticamente limpando o espaço e o piso de objetos, enquanto o som sobe ainda mais e evolui para outras bases sampleadas. As fotos antigas em preto e branco por trás do sofá viram fotos coloridas e psicodélicas. Transportam coreograficamente as partes da bateria de um lado para o outro do espaço. Vão mudando objetos de lugar, sempre de maneiras inusitadas, dançando, em coreografias de cambalhotas e giros. Shirley volta à sua posição inicial depois de receber um beijo na boca de Mariana no proscênio. Flores são plantadas nos canteiros da frente. Falam e se incitam enquanto agem e rodopiam pelo espaço. Mariana fecha a cortina translúcida com o arame farpado estampado e a música cessa. A televisão é ligada de novo. Na penumbra por trás da cortina, os três rearranjam o cenário etc.)

MARCELO

(Em off, por cima do som da televisão.)

Shirley! Eu não sou mais Hamlet. Os meus pensamentos sugam o sangue das imagens. Minhas palavras já não me dizem mais nada. Eu não sou Hamlet.

(Durante a fala o som da televisão vai diminuindo, ficando só a imagem, até que esta também se apaga.)

BLOCO MEU ACONCHEGO É CATIVEIRO

(Em off, um acorde lento de cavaquinho e Mariana começa a cantar.)

MARIANA

Meu aconchego...

(Marcelo, sem camisa, a mesma calça branca, bebendo de uma garrafa, vem abrir as cortinas ao som de Mariana cantando e do cavaquinho, logo também da bateria.)

Meu aconchego... é cativoiro...

(Um clima lânguido de pós-festa. Vemos agora Mariana vestindo um vestido branco, cantando e tocando a bateria, de costas para o público, e Patrícia de calças e top vermelhos tocando o cavaquinho no chão, encostada na porta da geladeira. Marcelo também no chão, encostado no sofá, boceja e cochila. A música prossegue lentamente em longas variações apenas com este verso: “Meu aconchego é cativoiro”.)

(Marcelo, cambaleando de cansaço e ressaca, finalmente se ergue e começa a tirar lentamente, uma por uma, as partes da bateria de Mariana, espalhando-as pelo espaço; Patrícia, arrastando-se e engatinhando, vai lá e o ajuda. Mariana, perdendo as partes da bateria, continua cantando e tocando com o que lhe resta, até só lhe sobrar só as baquetas na mão, que ela atira de longe sobre o tambor ou o bumbo. Cessa por fim de cantar.)

(Patrícia fica deitada no chão com as pernas para cima. Marcelo começa a folhear e ler revistas no chão; de vez em quando arranca e rasga páginas em pedaços. Mariana, enquanto bebe de uma garrafa, tira lentamente um celular e o liga. Ouve-se a gravação dela mesma cantando a mesma música “Meu aconchego é cativoiro”. Ergue-se e caminha lenta pelo espaço, escutando a música no celular. Deixa o celular sobre a geladeira, vai até umas prateleiras na parede de rolos de papel higiênico e começa a procurar.)

MARIANA

Eu tinha deixado uma coisinha aqui... quem foi que pegou... aquela...

(Começa a jogar tudo que há nas prateleiras, uma enorme quantidade de potes, pratos e tigelinhas de plástico, joga pra trás, fazendo uma chuva de objetos sobre os outros dois, que se protegem.)

Tava aqui... eu tinha guardado... foi você, Marcelão, que pegou aqui minhas coisas, seu louco?... (O movimento se intensifica, de repente ela acha o que procura e surge na sua boca um cigarro.)

Tem fogo, Marcelo?

MARCELO

Vem que tem, Mariana.

(Mariana senta-se sobre uma bacia de metal emborcada no centro do espaço. Coloca o cigarro entre os dedos do pé e o leva à boca. Marcelo acende seu cigarro. Mariana segura o pé com uma mão e começa a falar enquanto fuma, sempre com o cigarro no pé. Marcelo aproveita o isqueiro e começa a pôr fogo em algumas folhas de revista, enquanto fuma. Patrícia pegou um pote de plástico como travesseiro e se deitou no chão.)

MARIANA

Vocês sabem, que outro dia eu tava andando ali bem pertinho da minha casa. Fica ali na Santa Cecília mas, na verdade, é Higienópolis. (Fuma.) Nas cartas dos correios vêm escrito Santa Cecília, mas é Higienópolis mesmo. Eu tava indo na locadora, tava uma noite chuvosa, gostosa acho que era um dia de semana, eu tava a fim de tirar um vídeo, um vídeo não: um dvd. Aí eu cheguei na locadora e não tinha ninguém na locadora. A locadora tava totalmente vazia, vazinha. (Vai batendo a cinza com o cigarro no pé em um cinzeiro no chão.) Aí dali a pouco entrou um cara. (Fuma.) Um cara, assim, boa pinta, bonitão, sabe? Cheiroso, charmoso, gordo – gordo não: bem alimentado, bem nutrido, sabe? É... Não tinha ninguém na locadora. Ele deu uma olhada também... deu uma andada, só tinha eu e ele e a atendente. Daqui a pouco ele virou pra atendente e falou assim:

(Imita a voz do sujeito.)

“– Ô minha filha! Você por acaso não tem aí o novo dvd de lançamento do filme do Kevin Costner com a Michelle Pfeiffer?”

(Imita a voz da atendente. Vai mudando de posição a cada troca de voz.)

“– Ah, meu senhor, claro, esse filme é um filme romântico, um filme leve, claro, mas é que infelizmente nós não temos ainda na locadora.”

“– Ué, mas como assim? Se eu li na Veja da semana passada que esse dvd estaria disponível em todas as locadoras de São Paulo!”

“– Ah, meu senhor, é que acontece que ele ainda não saiu nos cinemas... e existe o procedimento que é: primeiro no cinema e depois na locadora...”

“– Então, mocinha, você tá querendo me dizer que a Veja, que é uma revista séria, de 40 anos de idade, tá mentindo?! É isso??”

“– Não, meu senhor, imagina, eu... eu nem leio a Veja, eu...”

“– Mas EU leio! E eu vou mandar uma carta do leitor, pra dizer que essa espelunca não está devidamente equipada pra receber os novos lançamentos!”

“– Mas meu senhor, não se trata de espelunca ou não, é o procedimento: é primeiro cinema e depois locadora.”

“– Eu já entendi o procedimento e eu quero falar com o seu gerente!”

“– Mas meu senhor, não tem a menor necessidade de falar com meu gerente, afinal estou lhe dando a informação correta.”

“– Eu quero falar com o seu superior!”

“– Por favor, meu senhor, acontece que eu trabalho aqui há um mês apenas, estou lhe dando a informação...”
“– Ô minha filha, você é surda além de burra?? Eu quero falar com seu superior!...”
“– Mas é que eu gostaria...”
“– Mas é que EU, minha filha...”
“– Mas, meu senhor...”
“– Mas é que EU, mocinha...”
“– Mas por favor...”
“– Mas é que EU...”
“– Mas por favor...”
“– Mas é que EU...”
“– Mas é que...”
“– Mas é que...”

(A mudança de voz e posição de Mariana fica cada vez mais veloz e frenética, ela vai falando como tendo espasmos, até que a cena explode: ela se ergue e os outros também. Mariana fala aos trancos, segurando o vestido, enquanto os outros pegam de dentro da geladeira e debaixo do sofá enormes plásticos pretos e os trazem até Mariana, que começa a se envolver neles enquanto fala, criando uma montanha de plástico preto, de dentro da qual ela discursa.)

A periferia vai explodir! Vai! E quem tiver de sapato não sobra! Não pode sobrar! A casa caiu pra você, seu filha da puta!! Quando a morte entrar no seu dormitório com facas de açougueiro, você vai conhecer a verdade! É pras metrópoles do mundo que eu falo!! Abaixo a felicidade da submissão!! Quem não tem o futuro, quer o presente!! A periferia vai explodir, vai explodir!!!!... Aaaaahhhh!!!

(O plástico preto, se expandindo e encolhendo como uma grande ameoba em constante movimento, envolve os três. Mariana, no centro alto da figura, continua sua fala, os outros aparecem de vez em quando pelas aberturas do plástico.)

Sou o anjo do desespero. Com minhas mãos distribuo a embriaguez, o atordoamento, o esquecimento, prazer e dor dos corpos. Meu discurso é o silêncio, meu canto é o grito. Sob a sombra de minhas asas vive o horror. Minha esperança é o último alento. Minha esperança é a primeira batalha. Eu sou a faca com a qual o morto abre o caixão. Sou aquele que será. Meu voo é a revolta, meu céu é o abismo de amanhã. Sou o anjo do desespero. Com minhas mãos distribuo a embriaguez...

(Continua falando mais baixo, enquanto Marcelo, sentado na privada, toca um clarinete que pegou junto à parede dos rolos de papel, e Patrícia, no chão ao lado da imagem de Mariana dentro do plástico, toma a palavra, acompanhada pelo balbucio de Mariana.)

PATRÍCIA

Atrás dele a rebentação do passado despeja cascalho sobre asas e ombros, com um barulho de tambores enterrados, enquanto diante dele o futuro está represado, esmagando seus olhos, dinamitando seus glóbulos como uma estrela, torcendo a palavra como uma mordaca, asfixiando sua respiração. Por um instante vemos ainda o bater de asas e escutamos o ronco das pedreiras caindo atrás por sobre ele, tanto mais alto, quanto mais se exaspera o inútil movimento. Então, aquele instante fecha-se sobre ele; e, rapidamente entulhado, o anjo sem sorte encontra repouso, à espera da história, na petrificação do voo, olhar, respiração, até que um renovado rufar de poderoso bater de asas se propague em ondas através da pedra e anuncie o seu voo.

(Durante a fala, Mariana foi abrindo seu vestido branco, estendendo as abas do vestido como se fossem asas. Agora está nua no meio do plástico preto, a cabeça caída para trás. O clarinete cessa. A imagem do anjo no meio do plástico, com a cabeça caída para trás, perdura mais alguns instantes em silêncio. A campainha toca, todos se erguem e olham surpresos para a porta lateral, Mariana se cobre.)

BLOCO SEQUESTRO

(A campainha continua, insistente.)

MARIANA

Ah, quem foi que chamou alguém pra vir aqui agora, pô... Patrícia, foi você?...

MARCELO

Ninguém chamou ninguém, pô! Alguém tá tocando aí fora, alguém apareceu...

PATRÍCIA

Ninguém chamou ninguém? Se não é ninguém, deixa tocar!

MARIANA

Como “deixa tocar”, porra? A gente tem um acordo, caralho!

PATRÍCIA

Que é isso, vocês tá nervosa por causa de uma campainha?... Deixa tocar!!

MARCELO

Não, vamo atender! Dá licença!...

PÁTRÍCIA

Não vamo atender porra nenhuma!!

MARIANA

Que é isso? Nós dois não temos mais palavra aqui? Nós três não temos palavra? Qual é?!

(Os dois tentam passar por Patrícia para ir atender a porta. Patrícia tenta impedir. Vão discutindo e se engalfinhando. Marcelo consegue passar, Patrícia agarra os dois pelos cabelos, ele se solta.)

PATRÍCIA

Que que é isso?!? Para com isso!! Estátua!!!

(Mariana e Marcelo congelam. Após um instante, Patrícia dá um tapa na cara de Marcelo. Recomeça a briga. Ele põe o dedo na cara de Patrícia.)

MARCELO

É “sem violência”!!

PATRÍCIA

Cala a boca, Marcelo!

MARCELO

Cala a boca já morreu!!

(Encaram-se fixamente. Ele continua com o dedo apontado. Um longo silêncio de tensão.)

PATRÍCIA

Mãos em prece, Marcelo. Mãos em prece, Mariana, vai!

(Os outros titubeiam, mas Patrícia mostra as mãos em prece também, eles acabam obedecendo.)

Porra!... Porra, porra... Porra!!!

(Patrícia agarra um fita crepe e rapidamente ata as mãos dos dois, primeiro Marcelo, depois Mariana. Os dois, atônitos, se deixam amarrar.)

(Enquanto ata as mãos de Marcelo.)

Olha aqui, Mariana, olha nos meus olhos! (Atando as mãos de Mariana.) E você fica bem quietinha. Eu confio em você, hein Marcelo! Hem!! Quem aqui quer falar alguma coisa? Quer falar, Mariana?

MARIANA

Não...

PATRÍCIA

Quer falar, Marcelo?

MARCELO

Eu...

PATRÍCIA

Cala a boca, Marcelo!!! (Amordaça-o com a fita crepe.)

Cala a boca não morreu, não, filha da puta!!

(Amordaça Mariana em seguida, rindo e gritando.) Os dois deitam no chão! Deitam no chão agora!! E dá o pé!

(Eles obedecem, deitam no chão e erguem os dois pés unidos. Patrícia começa a amarrar os pés de cada um com a fita crepe.) Dá o pé! Puta que pariu! Sabe o que eu me pergunto? Puta que pariu!! E se eu não estivesse aqui, hein?! E se eu não estivesse aqui, porra??!!

(Termina de amarrar, joga longe a fita crepe. Vira-se para o público e ordena.) Levanta os dois, e se apruma!

(Os dois, com os pés atados, levantam-se atrás dela com dificuldade e ficam lado a lado, como numa fileira.) Você podem me explicar qual é a eficácia da ação que vocês estavam prestes a realizar??!! Qual é a eficácia dessa ação? Infecção do humano! Retornem às suas ideias sobre a vida!

(Coloca-se entre eles na fileira, segura seus ombros.)

Preocupação, vocês geram preocupação! Nós vivemos em um tempo verdadeiramente infernal e maldito, Marcelo!

(Encara-o.) (Encara Mariana.)

É preciso inteligência para lidar com os porcos, Mari

(Para o público.) E o que eu quero ver aqui é materialização de uma força inteligente! Os galos foram abatidos, não há mais amanhecer! A esperança ainda não se concretizou. E vocês por favor não encarem essa minha ação aqui como algo que nos joga um contra o outro, não!! Pois é bem ao contrário, esta aqui é uma ação de fortificação! Porque vocês estavam completamente perdidos. E isso legitima a minha ação! Sem recuo, Mari? Queimar as pontes, Marcelo?

[Segura as mãos atadas dos dois em frente de si, junto com as suas.] Sem recuo!

[Joga todas as mãos para cima. Eles apontam para o alto por um instante. Patrícia se ajoelha e faz com que a imitem.]

Você me conhece, Marcelo? (Ele faz que sim.)

Você me conhece, Mariana? (Ela faz que sim.)

Então como é que você pode ser minha amiga?

Se eu te conheço, hem Marcelo, se te conheço, hem Mariana, como é que eu posso ser sua amiga? Nós poderíamos nos chacinar em paz e com alguma confiança quando a garganta se torna estreita demais para os nossos gritos.

[Abraça os ombros dos dois de cada lado seu. Marcelo começa a se desamarrar das fitas. Longo silêncio.]

MARCELO

Nós é três... nós é três... [Abraça e beija Patrícia. Incluem Mariana no abraço, que também começa a se desamarrar. Riem, choram de alegria e se abraçam]

PATRÍCIA

Pro chuveiro, né? Pro chuveiro, os três. Jogar uma água nessa cuca. Vai Marcelo, pega o ofurô das titias!

[Marcelo remove o plástico preto do espaço e coloca a bacia de metal debaixo do chuveiro. Mariana senta-se na bacia com seu vestido branco e Patrícia abre o chuveiro. A água cai sobre a cabeça de Mariana enquanto ela fala, imóvel.]

MARIANA

A gente já brincou tanto juntas. Lembra quando a gente brincava de mocinha? Lembra? A gente fingia fumar, beber, namorar, fingia ser modelo, trabalhar, que era bem sucedida, que era séria. Eu me deleitava ali, naquela salinha daquele apartamentinho na Rua Abílio Soares, 124B. Ai, que saudades... Lembra?... Eu demorei 32 anos pra compreender que eu cresci escutando palavras que diziam apenas acerca de um subir na vida, de um arranjar profissão e de um tornar-se logo, logo, uma figura, sobretudo uma figura luzente, interessante.

[Marcelo traz um microfone e o segura para ela falar. Patrícia fica de pé ao lado deles.] Eu demorei 32 anos para compreender os gestos. Pra saber qual é o sopro que me soprava. Minha morte, minha amada, minha companheira, essa vida tem fim. É preciso se mexer pra sentir as grades que nos aprisionam.

O silêncio eterno dos espaços infinitos me apavora! Quando a claridade diz “eu sou a escuridão”, diz a verdade. Quando a escuridão diz “eu sou a claridade”, não mente.

BLOCO FINAL

(O chuveiro cessa. Mariana levanta-se da bacia e coloca-se no centro. Patrícia lhe traz uma alfaia, que ela veste, segurando a baqueta. Patrícia com caixa e baqueta e Marcelo com pratos posicionam-se aos lados e atrás dela.)

MARIANA

Eu sou Ofélia. (Começa a tocar a alfaia enquanto fala.)

A mulher na força.

A mulher com as veias cortadas.

A mulher com excesso de dose, sobre os lábios neve.

Ontem deixei de me matar.

Estou só com meus seios, minhas coxas, meu ventre.

Rebento os instrumentos do meu cativeiro.

TODOS (Cantando e tocando.)

A cadeira, a mesa, a cama.

Destruo o campo de batalha que foi o meu lar.

Escancaro as portas pra que o vento possa entrar e o grito do mundo.

Toco fogo na minha prisão.

Atiro minhas roupas no fogo e vou pra rua!

Vestida em meu sangue vou pra rua!!!

(Começam a sair do espaço em direção à rua, indicando ao público que os siga. Vão cantando a música desde o início: “Eu sou Ofélia...”. Chegam à rua e continuam tocando e cantando a música, seguidos pelo público, evoluindo pelas calçadas em trio, se relacionando com a cidade, lembrando o bloco inicial. Vão aos poucos dissolvendo qualquer forma, desistindo de tocar, se misturando com o público e num verdadeiro anticlímax chegam até a esquina de algum aconchegante bar, ou barraquinha de bebida ou coisa assim. Param ali, largam finalmente os instrumentos e começam a falar entre si e com o público, convidando-o a ficar ali e beber cerveja etc., conversar, confraternizar, rir, se soltar, comemorar. Ficam todos ali pelo tempo que quiserem, pelo tempo que durar realmente esse momento. Sem fim.)

* * *



REALIZAÇÃO



CIDADE DE
SÃO PAULO

CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa